



FOTO: CICERO RODRIGUES

Steve Cole propôs que, entre os mais de 20 mil genes humanos, há 209 que separam as pessoas deprimidas das felizes

GENES FELIZES?

Embora a saúde e a felicidade estejam correlacionadas de maneira inequívoca e bidirecional, não é fácil saber qual a relação de causalidade entre esses dois estados. Somos felizes por ter boa saúde ou é a felicidade que nos faz saudáveis? Talvez a última seja determinante, como indica a crença generalizada de que pessoas que se realizam no âmbito pessoal e/ou que têm atividades interessantes e gratificantes (excetuando as que utilizam adjuvantes farmacológicos) vivem mais e melhor.

Tentativas de transpor essa associação para o cenário científico esbarram em importantes obstáculos. Em primeiro lugar, correlações simples são de interpretação difícil, pois as variações observadas podem ter outras causas, que independem umas das outras. É possível, por exemplo, estabelecer uma correlação entre proprietários de carros de luxo e a incidência de câncer de próstata. Em vez de concluir que carros de luxo contêm elevados níveis de carcinógenos, é mais razoável ponderar que homens mais velhos – os mais atingidos pela doença – são os que têm maior poder aquisitivo. Em segundo lugar, é muito difícil qualificar e quantificar a felicidade.

Tais dificuldades não intimidaram o psicólogo e geneticista Steve Cole, que tem se dedicado a determinar quais genes se expressam em pessoas felizes e compará-los com os de pessoas em estados mentais negativos, decorrentes de estresse ou solidão. Esses resultados foram comentados recentemente pela jornalista científica Jo Marchant na revista *Nature* (v. 503, n° 7.477, p. 458).

Não parece haver dúvida de que o sistema nervoso central influi no sistema imune. Diversos trabalhos já mostraram que o estado emocional dos indivíduos pode gerar imunossupressão, tornando-os mais suscetíveis a infecções. Cole, porém, foi além e propôs que, entre os mais de 20 mil genes humanos, há 209 que separam as pessoas deprimidas das felizes. Os genes mais expressos nas pessoas tristes seriam os ligados à resposta inflamatória e os genes reprimidos teriam papel antiviral.

Segundo Cole, isso explicaria por que indivíduos infelizes sofrem mais doenças infecciosas. O pesquisador e sua equipe afirmaram ainda que, nas pessoas felizes, a expressão de determinados grupos de genes poderia ser subdividida e associada a tipos especiais de felicidade – hedonística e eudemonística – apontados por psicólogos. A primeira é gerada por prazeres orgânicos e a segunda pela satisfação por realizações intelectuais significativas ou relações pessoais bem-sucedidas.

Naturalmente, resultados como os de Cole transitam em terreno escorregadio e atraem muitas críticas de outros cientistas, para os quais tais abordagens caem sempre na armadilha da estatística (estudos conduzidos em populações pequenas) e na falta de controles importantes. Em outras palavras, falta rigor.

Cole não está sozinho nessa busca de subsídios para mostrar que os genes regem o comportamento humano. Também na *Nature* (v. 502, n° 7.473, p. 602) e continuando no sistema nervoso central, a jornalista científica Erika C. Hayden escreve sobre o biólogo e empresário Jonathan Rothberg e o físico Max Tegmark, que decidiram sequenciar os genomas de 400 matemáticos e físicos teóricos, esperando encontrar diferenças que possam servir de marcas associadas a tais talentos. A dupla partiu da ideia de que essas duas especialidades exigem um intelecto diferenciado e que, por tabela, a inteligência teria origens genéticas.

O ‘projeto Einstein’, como os idealizadores o batizaram, corre risco de enfrentar as mesmas críticas dirigidas à empreitada do ‘genoma feliz’. Dificilmente haverá diferenças detectáveis no DNA desses grupos. É mais provável que a inteligência resulte não de genes específicos, mas do tipo de associação entre neurônios durante o desenvolvimento embrionário. De todo modo, por justiça, deveria haver um ‘projeto Darwin’ para verificar se os biólogos também se diferenciam dos mortais comuns. **CH**

FRANKLIN RUMJANEK

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br